

# A R E G E N E R A Ç Ã O

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro

Composição, Impressão e Redacção na

Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Racionamento

A experiência tem-nos mostrado que a solução apresentada pela Câmara Municipal de racionar o açúcar, arroz e o bacalhau, pela população de todo o Concelho, era a que se impunha e a única que poderia satisfazer os inconvenientes do mercado livre que tanto se fizeram sentir.

Esperámos que o nosso Concelho fosse beneficiado, aumentando-lhe os contingentes que mensalmente lhe são atribuídos pelo Grémio dos Retalhistas de Mercearia, o que faria reaparecer o mercado livre.

Porém, o que sucedeu foi ser ainda mais diminuído o contingente atribuído, o que leva a Câmara Municipal a estabelecer de novo o racionamento, no ano próximo.

Porém, é do nosso conhecimento que o rigor na fiscalização do racionamento, vai ser o maior.

As cadernetas têm sido açambarcadas pelos retalhistas, o que estes não podem fazer porque o consumidor tem inteira liberdade de comprar onde quiser.

As senhas serão entregues mensalmente, na Secretaria da Câmara, com um resumo indicativo das quantidades de géneros que elas representam.

Qualquer retalhista que obtenha, fóra da distribuição, quaisquer géneros condicionados, não os poderá vender ao público livremente.

As contravenções serão punidas gravemente pela Secção Policial da Câmara Municipal podendo ir até à suspensão de venda dos géneros condicionados e distribuídos pelo Grémio.

A Câmara Municipal vai destacar dois dos seus funcionários para este serviço de modo que a fiscalização seja o mais eficaz possível.

## Dr. Simões Barreiros

De Lisboa, onde esteve alguns dias, regressou a sua casa o nosso director sr. dr. Simões Barreiros, presidente da nossa Câmara.

## Escola Secundária da Câmara Municipal

Terminando no dia 22 deste mês o primeiro período do ano lectivo corrente, são nesse dia encerrados os trabalhos escolares da Escola Secundária da nossa Câmara, que recomeçarão, conforme a Lei, no dia 7 de Janeiro próximo, às 8 horas.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

## “A Regeneração”

Cumprimenta todos os seus colaboradores, correspondentes, assinantes, anunciantes e colegas, desejando-lhes muito “Boas Festas” e um feliz “Ano Novo”

## Figueiró, Terra Bonita...

Figueiró é uma terra bonita, enfaçadora, com aspecto citadino. Isto diz toda a gente, que conhece esta vila, que nos visitou.

De forma que, quando vaga algum lugar público, o lugar é disputado, como se tratasse de uma grande cidade.

O feliz que consegue triunfar, fica muito contente, muito satisfeito.

E diz para consigo: até que enfim lá consegui uma terra de geito.

Entusiasmado, vem tomar posse e, ao pôr se em contacto com a terra, fica maravilhado.

— Esta terra, esta vila, vai além do que me disseram, embora imaginasse uma terra boa!

E não se farta de contemplar tudo, tendo palavras de louvor e admiração para tudo quanto vê.

O indivíduo ou indivíduos vivem cheios de contentamento e perante todos com quem se avistam, não se cançam de exteriorizar a sua admiração e satisfação e agradecer a Deus o ter-lhe proporcionado a vinda para uma terra tão agradável.

Passados dias o entusiasmo passa.

Os indivíduos começam a isolar-se, a afastar-se de tudo e de todos.

Ao vê-los, notamos um olhar de desconfiança geral.

Já se não sentem bem, em parte alguma. Se houvesse alguém que desejasse premutar, era uma felicidade, dizem para consigo.

Em face desta mudança repentina, os que vivem mais de perto, ousam perguntar-lhe: então F. você anda triste, que diabo, já não aparece?

A princípio aléga uma desculpa qualquer, até que por fim diz tudo.

Sabe amigo, disseram-me cobras e lagartos desta gente.

Há por aí indivíduos que só estão bem fazendo mal, e passam o tempo a fazer queixas, não havendo funcionário, que lhe caia no desagrado, que não seja vítima duma queixa e, portanto, dum inquérito.

Em face disto e outras coisas, o funcionário conta tudo; o que desejava era ir-se imediatamente embora.

E' claro que a criatura que o ouve, em geral, não só confirma, como carrega ainda mais a atmosfera.

De forma que os homens continuam numa situação cada vez pior, numa situação de desconfiança sobre tudo quanto se lhes apresenta.

Estes comentários, que ao correr da pena descrevemos, são verdadeiros, infelizmente para nós e para a nossa terra.

Criou-se uma atmosfera de terror.

E por quem?

Na última parte do século passado, criou fama o João Brandão e o José do Telhado.

Quando alguém queria meter medo a outrém, ameaçava-o com João Brandão ou com o José do Telhado.

De facto, eram criaturas para temer.

E não só por eles, mas pelos grupos que tinham organizados.

Estes homens acabaram mal: foram finalmente presos, julgados e desterrados, morrendo miseravelmente em Africa.

Mas apesar de serem homens maus, tinham quem os defendesse.

Ainda há pouco tempo se procurou reabilitar um deles.

Enfim, há homens para tudo...

Pois meus caros leitores, também cá temos um João Brandão, um José do Telhado.

Não com as características daquêles, porque a época é outra, e os processos são também diferentes.

Nessa época os indivíduos atacavam os adversários frente a frente.

Agora o processo é mais velhaco: escondem-se no anonimato ou então fazem a comunicação de forma a não poderem ser chamados à responsabilidade.

Mas apesar de todas as habilidades o João Brandão e o José do Telhado, terminaram por acabar mal.

A estes, certamente, suceder-lhes-á a mesma coisa.

Já não dizemos que vão parar a Africa, porque hoje a Africa é mal empregada para estes indivíduos, mas pelo menos a um manicómio.

E' o fim que os espera.

E então esta terra será socialmente uma terra encantadora, como o é pela sua natureza e beleza que o homem lhe prestou.

A técnica desempenha um papel primordial na evolução da sociedade. Podemos dizer mesmos que ao progresso da Técnica corresponde um determinado sistema económico. Assim, em cada estágio do desenvolvimento da Técnica, estabelecem-se novas formas de relações entre os homens, quer dizer, nascem novos processos de produção a que correspondem formas sociais determinadas.

Só se pode compreender, pois, claramente a evolução histórica da sociedade humana, se se tomar como base de toda a vida social, as relações de produção que a Técnica estabeleceu para cada forma social.

E' a própria Técnica, na sua evolução, que provoca a quebra do invólucro da forma social que originou, para dar lugar a outra forma mais aperfeiçoada. Isto, é claro, não se realiza dum modo pacífico. Naturalmente que a forma social que a Técnica primitivamente originou, rebelou-se contra esta, logo que surge o momento de ser ultrapassada, pretendendo mantê-la dentro dos limites fixados. Verifica-se, pois, que dentro de cada forma social aparece um momento em que a Técnica se opõe a essa forma. Como problema principal do estudo da Técnica devemos colocar o da sua utilização.

A Técnica caminha para uma utilização comum, quer dizer, caminha no sentido de deixar de pertencer a uma minoria para passar a ser utilizada por uma maioria. Isto significa que a Técnica passará a beneficiar as grandes massas. Significa mais, que a Técnica deixará de ser uma arma de opressão para se transformar num instrumento de libertação. Quer dizer, os elementos produtores da Técnica, tornar-se-ão os elementos detentores da mesma. Deixará assim de existir oposição de interesses e consequentemente desaparecerá a divisão da sociedade em grupos.

Tal é, no momento presente, o fim que a Técnica pretende.

Sérgio Lima

## Intelectuais

Socialmente, os intelectuais disfrutam certo prestígio na sociedade burguesa; economicamente, porém, estão submetidos às mesmas vicissitudes dos demais grupos da classe média. Os intelectuais que gozam da maior estima e influência entre os governantes de um país, são quasi sempre os que mais zelosamente os defendem e servem, e de cuja atitude tiram os maiores proveitos materiais. Esses benefícios prestados aos tais «intelectuais», são a paga, tanta vez, de actos bem contrários à missão do verdadeiro intelectual. — George Novack.

## Soneto

A creança com que às noites, a resar,  
Ficava ante a imagem de Maria,  
Há muito que a perdi; desde esse dia  
Em que primeiro vi o teu olhar!

De pouco então valeu recomeçar  
Essas preces que à Virgem eu fazia;  
Pois que—em vez do d'Elle—apenas via  
Esse teu rosto e esse teu olhar.

E procurava achar a diferença  
Que devia existir entre essa creança  
E este amor. E recordava então

Se essa visão, a quem resava outr'ora,  
Não será a mesma a quem eu reso agora  
Com tanto amor e tanta devoção!

Luiz de Azevedo

Uma lição numa escola nova **Correspondências**

(Continuação da 4.ª página)

pelo presidente do grupo, e Oscar por uma comissão de três, nomeados por este. Esta opinião é que prevaleceu. O relatório foi dividido em duas partes, uma relativa ao passado, outra ao futuro. O grupo apreciou-o, fez-lhe umas pequenas alterações e Tomaz recebeu o encargo de o entregar em mão própria ao sr. Smith. O lavrador agradeceu-o muito e, o que é interessante, seguiu os conselhos das crianças! No relatório nada era esquecido; o preço da rede de arame, a direcção de uma loja do artigo, os melhores *cemitérios das moscas* e até um tipo de balde para o lixo, imaginado pela escola...

Passado um mês, a casa do sr. Smith já tinha uma rede nas janelas, a estremeira que ficava em frente da casa tinha desaparecido para longe, a possilga dos porcos fora mudada e até o pátio limpo das ervas! No outono a febre não bateu àquela porta.

(Do livro *Modernas Tendências da Educação*, Coamos, Lisboa)

Seleção de

María Lucilla Serra

**Pagamento de assinaturas**

Foram pagas nesta redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Justiniano José de Sousa—Lourenço Marques
- José Alves—Moleiros
- Domingos Mendes Rosa—Rapoula
- António da Cruz Vicente—Lisboa
- José Menino—Fontão Fundeiro
- Manuel Ferreira—Aréga
- António Simões Braz—Aréga
- Pelo sr. Francisco dos Santos, da Lavandeira foi paga a assinatura do sr António Lopes—S. Paulo—Brasil
- José Lopes do Régo—Almofala de Baixo

**Sementeiros** — Este ano, os agricultores desta região, compelidos, pelas deficiências de ordem económica emergentes da guerra—intensificaram grandemente a cultura dos cereais, procurando no aproveitamento melhor dos terrenos, uma maior produção.

**Feira anual**—No próximo passado dia 25 realizou-se, nesta localidade, a feira anual de Santa Catarina, que, como nos demais anos, foi muito concorrida, tendo-se efectuado inúmeras transacções, nomeadamente em gado suíno, apesar do exorbitante preço que aquêlo gado atingiu nos últimos tempos.

**Festa** — Na igreja paroquial, desta freguesia, realizou-se, com a maior solenidade, a festa do Sagrado Coração de Jesus, que foi precedida de tríduo.

A prégação esteve a cargo dum conceituado orador sagrado do norte do País, que esteve à altura da sua missão.

Colaboraram nos actos desta festa além do digno pároco desta freguesia, os senhores—Arcipreste de Figueiró dos Vinhos e reverendos párocos de Castanheira e Pedrógão Grande. A festa foi abrilhantada pela filarmónica de Pedrógão Grande.

**Estrada Municipal** — Já se iniciaram os trabalhos de arranque e carreto da brita para a estrada municipal em construção.

**Padre José Martins da Cruz Diniz**

Deu-nos o prazer da sua visita, o sr. Padre José Martins da Cruz Diniz, que esteve nesta vila em serviço religioso.

**Subsídio**

Foi atribuído à nossa Câmara o subsídio de 10.000\$00 para o serviço de incêndios.

**A. Teixeira Forte**  
ADVOGADO  
Figueiró dos Vinhos

**Pelo Instituto Nacional do Pão foi elaborada a seguinte tabela de preços de massas alimentícias, no retalhista.**

A fim de elucidar convenientemente V. Ex.ª junto envio uma tabela de preços de massas alimentícias elaborada em 26 de Novembro último pelo Instituto Nacional do Pão:

<b>Grupo A—Massas cortadas — macarrão e macarronete—No retalhista.</b>	
Branças 4\$30	Coradas 4\$40
<b>Grupo B—Massinhas—Cotovelos, cotovelinhos, cuscus, Estrelinhas, miosotis, Pevides, etc.</b>	
Coradas	4\$70
<b>Grupo C—Meadas—Aletria. Macarrão, macarronete.</b>	
Coradas	4\$90
<b>Grupo D—A Granel</b>	
a) <b>Massinhas — Cotovelos, Cotovelinhos, Cuscus, Estrelinhas, Miosotis, Pevide, etc.</b>	
Branças	6\$10
b) <b>Meadas — Aletria, Macarrão, macarronete.</b>	
Branças	6\$40
<b>Em pacotes</b>	
c) <b>Massas cortadas (macarrão e macarronete)</b>	
<b>Massinhas e meadas</b>	
Branças 7\$20	Coradas 7\$30
<b>Grupo E—Bambos—Esparguete, macarrão e macarronete.</b>	
<b>A Granel</b>	
Branco 6\$80	Corado 7\$00
<b>Em Pacotes</b>	
Branca 7\$45	Corada 7\$55

**Assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra**

Foi nomeada 1.ª assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra a ex.ª sr.ª dr.ª D. Maria Luíza Paiva de Carvalho, filha da ex.ª sr.ª D. Zamira Paiva e do sr. dr. Humberto Paiva, residentes em Coimbra. E' a primeira senhora a quem aquela Faculdade concede tal distinção pelo que muito a felicitamos bem como a seus pais.

**Sindicato Nacional do Pessoal da Industria de Lanifícios do Distrito de Leiria, com sede em Castanheira de Pera**

Pelo Senhor Sub-Secretário de Estado das Corporações foi nomeada, para gerir este Sindicato, uma Comissão administrativa, composta pelos seguintes indivíduos:

- Presidente** — Eduardo Silva
- Secretário** — José Montez Carrega
- Tesoureiro**—Daniel da Silva
- Vogais** — Manuel Coelho e António Carvalho.

**Automóvel**

Vendes se **Hupmobile** bom estado de mecânica, 6 cilindros, 6 pneus. (2 novos) bom para gazogénio. Informa esta redacção.



General Coronel von Manstein durante a batalha de Kerch que dirigiu

**EDITAL**

O Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz público que, o Centro de Mobilização e Infantaria n.º 15, de Tomar, por ordem do Ministério da Guerra, convida os 1.os cabos, 2.os cabos e soldados corneteiros, daquêlê centro de Mobilização de Infantaria, que se acham licenciados e domiciliadas neste Concelho, para ir servir nas colónias durante o ano de 1943, nos termos do Decreto n.º 13.309, de 23 de Março de 1927, cujas declarações devem dar entrada naquêlê Centro até ao dia 25 de Dezembro.

Estas praças, quando nomeadas para as Colónias, serão submetidas à Junta Hospitalar de Inspeção, em Tomar, sem dispêndio para a Fazenda Nacional.

Para constar e devidos efeitos mandei passar o presente e outros de igual teor, que vou mandar afixar nos lugares mais públicos e do costume.

Paços do Concelho de Figueiró dos Vinhos e Câmara Municipal, aos 15 de Dezembro de 1942.

O Presidente da Câmara, Manuel Simões Barreiros

**Resina de pinheiro**

■ Pretende-se entabular negócio com resina de dez a vinte mil feridas para a próxima campanha.

Dirigir a

**L. A. Carvalho**  
**S. Luiz—Alentejo**

Folhetim de "A Regeneração," N.º 4

**A CAVALGADA DOS NUS**

POR H. LOPES DE MENDONÇA

Decorreram minutos de uma horrível ansiedade. O esquadrão de Hamelix aproximava-se a olhos vistos do Rio Dóce. E' do outro lado, por entre o arvoredo que cobria o vale de Jorge Vieira, havia quem visse alvejar albornozes. Colhida entre as duas aguerridas azas, era fatal a perda dos portugueses... E pálida, inunhada de suor gelado, Guiomar arquejava atrozmente, fincando a mão na velha alvenaria do parapeito, que se lhe esborçava sob os dedos convulsos.

Entretanto, o capitão da fortaleza saíra á porta da R'beira, seguido do uma hoste que se armara e encavalgara de improviso. Mas quando alongaram os olhos pela extensa campina, apesar da iminência do perigo, uma gargalhada titânica, conjunto de centos de estrepitosas gargalhadas, encheu a amplidão sonora, repercutida pelos ecos dos baluartes.

Do macisso de verdura por onde se havia sumido, surgia novamente a cavalgada. Mas que extravagante cavalgada agora! Sobre o pêlo lúcido fuscado dos ginetes, escarranchavam-se os portugueses, nus como tinham vindo ao mundo. Curvados, no galope vertiginoso, sobre o dorso dos nobres animais, erguendo as lanças que dardejavam centelhas, nunca porventura mais vivo simulacro de um bando mitológico de centauros se oferecera à contemplação humana.

Acossavam-nos de perto as duas hostes de mouros que haviam unido. Um ou outro se voltava de quando em quando para repelir às lançadas os perseguidores, que se adiantavam por demais na caça. Desvanecidos já os primeiros sobressaltos de terror, tendo-se compenetrado da feição burlesca daquela fantástica correria, os alegres almogavares portugueses comentavam na com

motejos intermitentes, acolhidos com risadas. E essas risadas, secundavam-nas por vezes os mouros, replicando não raro às vaías que lhe vivravam, numa algaravia exótica numa espécie de português diluído em árabe.

A confraternização extraordinária das duas raças adversas manifestava-se ali, como frequentemente no mais aceso das refregas, espectáculo estranho de lutas cavalleirescas entre dois povos, separados pela religião, mas unidos num vago sentimento de afinidade de origens, exemplo talvez único na história.

No couce da cavalgada cristã, um só cavaleiro se distinguia dos restantes pela exibição de um único artigo de indumentária guerreira. Era João Martins, sobre cuja alourada grenha assentava um rutilante capacete. E exuberante de uma alegria doida, virava-se a miúdo no cavalo, para desfechar dichotes sobre a mourama.

— Alegrai-vos, perros! bradava êle, cravando no ventre do animal uns acicates imaginários. Estáis vendo o que nunca vistes a um nazareno.

— A caça é de bom proveito! acudiu Mem Fogaça, brandindo a

lança. São os marizes que farejam as bocetas que lhes convém!

O Hamelix, que vinha na vanguarda dos perseguidores, já mais familiarizado com a língua dos adversários, respondeu numa gerigonça apenas inteligível:

— Bem sei para que dais essa amostral. Quereis uns fundilhos de agoutes, nazarenos!

— Pois vinde trazê-los, que com uma bela salva vos acolheremos, clamou Mem Fogaça.

E estas facécias de um gôsto equívoco, recebidas por um côro de gargalhadas, foram gravemente comentadas pelo erudito James Dias:

— *Sonitumque ferunt ad littora venti.*

— Que quereis dizer com isso, ó escolar? perguntou um dos companheiros.

Mas Mem Fogaça andiantou-se na interpretação fantasista do texto:

— Que êles estão em risco de desbarvorar, porque lhes saltou o vento à proa.

A hilaridade foi verdadeiramente triunfal. Sobre o dorso dos cavalos, todos os valentes arcabouços nus se convulsionaram nos espasmos do riso. Mas um incidente terrível veio

perturbar aquêlê júbilo temerário.

Sacudido pelas gargalhadas, ás quais se abandonava com a imprevidência de um adolescente, João Martins largara um pouco de mão o cabrestilho. Como a cavalgada subisse neste momento uma ladeira bastante íngreme, o cavalo tropeçou de improvviso numa pedra. Na forçada curveta, cuspiu do dorso o desprecavido cavaleiro, o qual caiu de lado, sem se magoar, com o cabrestilho numa das mãos aguentando sempre com a outra o capacete.

Erguendo-se logo, quiz saltar de novo para o corcel, que, alvorçado da corrida, galopava desatinadamente pela campina fóra. Percebendo a inutilidade de o perseguir, e vendo já a pequena distância os muros de Arzila, João Martins dispunha-se a seguir a pé a cavalgada, quando aos ouvidos lhe ressoou uma grita descompsta de vitória.

Aproveitando-se da curta demora ocasionada pelo incidente, os três ou quatro mouros que vinham à frente da hoste arrojavam-se temerosamente sobre êle e com as lanças em riste ameaçavam o corpo imbele do desafortunado cavaleiro.

(Continua).

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Faz se saber que no dia 7 de Janeiro próximo pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à segunda praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado, os imóveis a seguir discriminados, penhorados nos autos de execução por custas, que o digno Agente do Ministério Público na sexta Vara da comarca de Lisboa, move a José Pereira da Costa, casado comerciante, residente no lugar dos Troviscaes Fundeiros, desta comarca, a saber:

**PREDIOS**

1.—O direito e acção a metade de uma testada de mato no Vale da Pevide, limite dos Troviscaes Cimeiros, freguesia, de Pedrógão Grande, a confinar do norte com José Vicente, sul com Manuel Vicente da Piedade, nascente com os mesmos e poente com Joaquim Simões Diniz, inscrito na matriz sob o artigo 11.863 1/8, e descrito na Conservatória sob o n.º 30 365, a fls. 99 v., do livro B. 77. Vai à praça no valor de 143\$60

2.—O direito e acção a metade de uma terra de se neadura com água de rega, no sítio do Ribeiro, limite dos Troviscaes Fundeiros, freguesia de Pedrógão Grande, que confronta do norte com Manuel Nunes, sul com Joaquim Vicente, nascente com a barroca e do poente com o viso. Inscrito na matriz sob o artigo 11.090 1/2, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.376, a fls. 100, do livro B. 77. Vai à praça no valor de 240\$90

3.—Uma terra de sementeira de seca com oliveiras no sítio da Ponte, limite dos Troviscaes Cimeiros, confinando do norte com José Vicente, sul com herdeiros de António Bento, nascente com Abílio Barata Salgueiro e poente com a barroca. Inscrito na matriz sob o artigo 11.776 1/3, e descrito na Conservatória sob o n.º 30 337, a fls. 100 v., do livro B. 77. Vai à praça no valor de 198\$00

Figueiró dos Vinhos, 3 de Dezembro de 1942.

O chefe da 1.ª secção  
Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 574 de 19 de Dezembro de 1942

**ERRATA:** — Por lapso de conferição, que escapou à revisão, nas publicações dos anúncios para a 1.ª praça, «A Regeneração», números 571 e 572, de 7 e de 21 de Novembro último, saiu o valor do primeiro prédio de 587\$20, quando estava no original 287\$20.

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

**Clínica geral**  
Doenças das crianças  
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos  
Clinica Geral  
— Consultório e residência:—  
Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal  
Clinica Geral

Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segundas-feiras das 9 às 14 horas  
Em Castanheira de Pêra — às quintas-feiras das 9 às 15 horas

**DELEGADOS**

Importante organização nova em Portugal necessita de delegados em todo o país.

Imprescindível boas relações, cultura e rigorosas referências.  
Resposta a Organizações *Iotape*  
— Figueira da Foz.

Alvaro Amerim Pinto

Advogado

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE:  
tôdas as segundas-feiras

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Faz se saber que se acha aberta a correição aos funcionários de Justiça e Solicitador Judicial desta comarca, pelo prazo de 30 dias, a contar de quatro de Janeiro próximo, podendo durante esse prazo ser apresentadas quaisquer queixas contra os individuos sujeitos á mesma correição, a fim de tomar conhecimento delas e providenciar como for de Justiça. Figueiró dos Vinhos, 7 de Dezembro de 1942.

O Chefe da 1.ª Secção  
Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 574 de 19 de Dezembro de 1942

**Escola de Corte Luc**

RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º  
Coimbra

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habilitando a executar vestidos e casacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem, em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas.

Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermeia Lopes da Silva — Figueiró dos Vinhos.

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTEFICIAIS

Consultas às Sextas feiras e aos Sábados até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA  
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos productos

Lusalite

Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas Tungstam

24-10

Comissões e Consignações

**CASA**

Arrenda-se nesta vila, à Fonte das Freiras, 1.º andar com varanda, instalações de electricidade e água, e quintal.

Trata Carlos Lacerda.

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.ª

Praça José Malhoa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.ª» e do cimento «Tejo», Lijas sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gesso, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

**CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS**

BOLO - LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª

Sede — FIGUEIRO DOS VINHOS — Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

**Carreira entre Bolo e Coentral**

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ — R. da Palma — Tel. 21363

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

CABAÇOS — COIMBRA			ANCIÃO — COIMBRA		
DIARIA (excepto aos Domingos)			às Segundas, Quartas e Sábados		
	Chegada	Partida		Chegada	Partida
Cabaços	—	5,30	Ancião	—	8,25
Alvaiázere	6,45	6,50	Alvôrge	8,50	8,50
Chão de Couce	7,25	7,25	Rabaçal	9,10	9,15
Pontão	7,35	7,45	Condeixa	9,40	9,45
Coimbra	9,15	15,30	Coimbra	10,15	16,00
Pontão	18,00	18,10	Condeixa	16,30	16,35
Chão de Couce	18,20	18,20	Rabaçal	17,05	17,05
Alvaiázere	18,55	19,05	Alvôrge	17,25	17,25
Cabaços	19,20	—	Ancião	17,50	—

**Pontão - Pombal às quintas-feiras**

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval)

Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM Telefone 701

A MULHER E O HOMEM

Perde-se na origem dos tempos a eterna questão da supericridade do homem sobre a mulher.

Esta supremacia masculina é um dogma antigo, que por razões sociais, bem conhecidas, tem sido mantida por certas classes cujo interesse reside precisamente na continuação deste grave erro.

Para este estado de coisas contribue a grande maioria das pessoas, cuja opinião se baseia somente nas ideias tradicionais dos seus antepassados, e para quem essas ideias constituem verdades eternas invioláveis. Esta massa inculta e ignorante, é por sua vez influenciada por aqueles a quem cabem as maiores responsabilidades; referimo-nos aos cientistas, ou melhor, aos pseudo-cientistas que conduzem todas as suas investigações e todos os seus estudos a essas conclusões falsas que pretendem somente mistificar o problema.

Concluem eles, por meio de dados mais ou menos históricos e mais ou menos científicos, que a mulher é um ser inferior ao homem, visto estar sujeita a manifestações fisiológicas causadoras dessa inferioridade. Para eles a mulher veio ao mundo só para ser escrava do homem ou instrumento do seu prazer.

Alguns há, que pensando ou fingindo pensar desta maneira, não negam contudo que, numa sociedade primitiva, a mulher deveria ter sido igual ao homem, dizendo que se o não é hoje, é só porque as suas condições de vida a tornaram inferior.

Na realidade, o homem, no decorrer dos tempos, procurou sempre restringir-lhe a sua esfera de acção, fazendo da mulher, unicamente, uma máquina produtora de filhos, e portanto quando a não mantinha fechada em casa, encerrava-a nos conventos, privando-a sempre de diversas maneiras do livre acesso a quaisquer manifestações da vida real. Quando algumas vezes encontramos a mulher fora deste ambiente, exercendo alguma actividade ou profissão semelhante à do homem, poderemos estar certos que o proveito do seu trabalho não reverte a favor dela, tornando-se, simplesmente, mais um meio de produção cujo lucro reverte para um restrito número de indivíduos.

Portanto, na hipótese duma inferioridade, o que é certo é que se ela é inferior é porque foi submetida durante os tempos a uma transformação que pretendia esse fim.

Para todos aqueles que propagam o dogma da inferioridade feminina, o aparecimento duma Montessori ou de uma Maria Curie, são simples excepções que se encontram em qualquer regra.

Uma pequena maioria há, que baseando-se nesta excepção, pretende considerar a mulher como um ser superior ao homem.

Assim, concluem duma maneira bem intencionada, que são somente as dificuldades que a mulher encontra para poder elevar-se, as únicas causas que impedem que apareçam mais valores iguais ou superiores a uma Maria Curie ou uma Montessori.

E' evidente que estas causas são verdadeiras, mas isto por si, de maneira alguma nos pode levar a concluir que a mulher é um ser superior ao homem. Hoje em dia, a grande maioria que não concorda com a inferioridade feminina, tende a achar a mulher igual ao homem, querendo para ela iguais direitos, dela exigindo iguais deveres.

Ora, se na verdade, devemos arrancar a mulher dos preconceitos e das normas sociais a que tem estado sujeita, procurando colocá-la no lugar a que tem direito perante a vida, de modo a poder acompanhar o homem em todas as manifestações do progresso, temos de considerar que essa igualdade tem um sentido próprio e muito especial, se não quizermos cometer graves erros.

Sabemos bem que a mulher possui certos órgãos e funções que lhe são características e que a tornam bem distinta do homem. A gravidez por exemplo, torna a própria mulher diferente de si mesma, impedindo-a de realizar durante um determinado espaço de tempo, certos trabalhos que normalmente ela pode efectuar. Não quer isto dizer, contudo, que o tempo da gestação seja um período de inferioridade física da mulher, mas sim um período em que a mulher deve estar sujeita a actividades diferentes.

E' pois a este e outros factores que devemos atender, para não estabelecermos um nivelamento absoluto, e por consequência errado, entre os dois sexos.

Resumindo: o problema do valor da mulher perante o homem, não deve ser posto nos termos clássicos, de igualdade, superioridade ou inferioridade, pois na realidade a mulher mulher não é inferior, nem superior, nem mesmo igual ao homem. **a mulher é diferente do homem.**

Eis a razão porque não podemos comparar o homem com a mulher, visto que são diferentes. São estas as conclusões a que chegámos por uma análise séria e verdadeira dos factos.

A mulher e o homem, completam-se um ao outro para constituírem um todo, ao qual, portanto, não se podem atribuir diferenças de direitos nem de deveres.

Aurora Costa

CABAZ DE CANTIGAS

Quem passar na tua rua  
E te ouvir a chilrear  
Há-de dizer lá na sua:  
— Tão novinha a namorar.

O fio de água que corre  
Entre musgos e palhas,  
E' velhinho nas não morre  
Embora viva a chorar.

Tua boca vermelhinha  
Cheia de fôgo e frescura,  
E' qual crista de galinha  
Em principio de postura.

A mulher é como o milho  
Que se recolhe no v'rao:  
Depois de tirada a capa  
E' que se vê se tem grão...

Eu daria o mundo inteiro  
E do céu alguns pedaços,  
Para pôr ao teu pescoço  
A cadeia dos meus braços.

P'ra pedir a tua mão  
A' tua porta bati.  
Veio abrir a tua mão...  
Tive medo e desisti!

Não te rias da desgraça  
Que se alberga nos portais.  
A's ruas onde ela passa  
Também tu às vezes vais!

Quatro caras como a tua  
Tôda a mulher faz na vida:  
Uma em casa, outra na rua;  
Uma à chegada, outra à ida

Cascais, 1942

Francisco Pires

O cinema ao serviço da ciência

Dr. João Leal da S. Tendeiro

«Um filme notável.»

«Está presentemente, a passar-se em Inglaterra, um filme sensacional em que se registam as experiências realizadas no «Instituto Russo de Fisiologia Experimental», sobre a chamada a vida de animais com todos os caracteres da morte, por meio do estabelecimento artificial de uma corrente sanguínea, nos vasos da circulação.

«O comentário em inglês do filme é feito pelo Professor J. B. S. Haldane, que explica como, há muitos anos, os cientistas têm conseguido conservar vivos a estudar por aquêle método, muitos órgãos, tais como o coração, depois de removidos do corpo do animal a que pertenciam, podendo o sangue ser mesmo substituído por água salgada. «Os cientistas russos alargaram esse método a todo o animal e inventaram uma bomba, a que deram o nome de *autojector*, que imita, pelo seu funcionamento, a acção do coração e pulmões, e que obriga o sangue a circular, alimentando-o, ao mesmo tempo, com oxigénio.

«No filme em questão ministra-se um anestésico a um cão, que o insensibiliza à dor, e a seguir abre-se-lhe uma das suas principais artérias. Ao mesmo tempo um instrumento chamado *himógrafa*, regista, numa folha de papel, as pulsações do coração do cão, assim como os movimentos dos pulmões.

«Com o esgotamento do sangue, as pulsações do coração começam a tornar-se cada vez mais fracas, acabando por parar; pouco tempo depois a respiração cessa também. O cão está morto. Deixa-se que decorram dez minutos, depois injecta-se sangue nos vasos sanguíneos do cão por meio do autojector. Em breve a agulha que acusa a pulsação recomeça a oscilar, mostrando que o coração recomeça a bater, e a seguir o cão recomeça a respirar. Dentro de pouco tempo o coração e os pulmões trabalham, normalmente; o autojector pode então desligar-se; o cão foi, de novo, trazido à vida.

«Os animais submetidos a este método recobram o estado normal, completamente, dentro de poucas horas, e o filme apresenta um cão que sobreviveu em perfeita saúde a este tratamento experimental, durante quatro anos, depois de estar morto durante 15 minutos.

«Estas experiências são de grande valor porque ajudam a mostrar por quanto tempo um animal se pode conservar, sem a acção do coração e dos pulmões, retomando

Com quinze dias de licença seguiu para Lisboa onde vai passar as festas do natal com sua família, o sr. dr. João Leal da Silva Tendeiro, médico Veterinário Municipal e nosso director Literário.

Azeite

Vai ser publicada brevemente pela pasta da Economia, uma portaria em que se regula o mais completo e minuciosamente possível o comércio do azeite.

Aproveitamos para informar as tabelas do preço do azeite, superiormente fixadas.

Preço de compra de azeite ao produtor:

Azeite extra (de 1 grau de acidez) — 6\$55 por litro.

Azeite fino (de 2,5 graus de acidez) — 6\$25 por litro.

Azeite consumo (de 5 graus de acidez) — 5\$85 por litro.

NOTA — O produtor pode vender o azeite com qualquer grau de acidez tendo em atenção que a variação do preço de azeite com menos de 1 grau e de 1 grau a 2,5 graus é de \$02 e de 2,5 em diante é de \$01(6) por cada décima de acidez.

depois as suas actividades normais. Sabe-se que, depois de um certo tempo, as células do corpo, privadas de oxigénio, sofrem alterações que não podem ser modificadas em sentido contrário, mas ainda se não sabe qual é esse lapso de tempo.

«Os seres humanos, cujo coração deixou de bater durante as operações, têm sido restituídos à vida, mesmo depois de três minutos de síncope, por meio de maçãs de coração. O autojector pode vir a ser um valioso auxiliar nêstes casos.

«E' claro que só pode ser empregado para conservar o corpo vivo temporariamente, por exemplo, durante uma operação, e não para trazer de novo à vida pessoas que tenham morrido de qualquer doença incurável.

«Todo este trabalho foi realizado pelo Professor Bryukhonenko, cujo método de conservação do sangue para transfusão, tem salvo a vida de muitos milhares de pessoas. E' interessante rotar que todas as experiências mostradas no filme em questão foram realizadas por mulheres.

(Descrição feita pelo correspondente médico do jornal *News Chronicle*, de 10 de Outubro).

(Da revista «Seara Nova», n.º 793, de 24-10-42)

Uma lição numa escola nova

por Irene Lisboa

Numa escola americana, a classe notou, numa segunda-feira de manhã, que a Maria e o João não tinham vindo à escola. O Tomaz, que é vizinho deles, contou então que tinham a febre tifoide e que naquela família em todos os anos havia um caso daqueles; até a sua mãe dizia que não sabia porquê! Um irmão deles já tinha morrido do mesmo mal.

Sobre o caso, que impressionou todas as crianças, falou-se um bocado. As febres tifoideas da aldeia vieram todas à baila. Mas reconheceu-se que em nenhuma família esta doença se repetia tanto como na de João e da Maria. Tomaz dizia que era com certeza por causa da água do poço deles. António lembrou-se do leite, que podia ser portador da doença por estar contaminado. Mimi afirmou que uns vizinhos dela tinham apanhado a doença por causa das mósas. Alfredo ouviu dizer ao médico que o lixo ao pé da casa pode provocar febres. Todas as crianças acharam que estas coisas podiam ter gerado a doença, mas que ao certo não se podia dizer qual. Do que precisavam era de ir a casa do sr. Smith, o pai dos doentes.

«Mas como é que podiam? Uma visita com um fim destes não ofenderia o sr. Smith? E não haveria perigo de contágio?»

Tomaz ficou encarregado de falar primeiro ao sr. Smith e de lhe dizer que a escola tinha muito desejo de o ajudar a descobrir a causa da febre tifoide tão frequente em sua casa. No dia seguinte trouxe a resposta: o sr. Smith tinha muito prazer em receber a visita dos alunos da escola.

Sobre o contágio, o grupo chegou à conclusão de que estariam livres dele se não comessem nem tocassem em nada durante a visita.

Mimi perguntou como é que então fariam... A última decisão foi que se observasse tudo muito bem: se havia mósas, se as janelas tinham rede de arame, onde se punha o leite, de onde se tirava a água de beber, onde se depositava o estrume, como eram os baldes do lixo, etc.

A visita fez-se. Mimi, sem ninguém lhe encomendar veio com um ramo de flores para os dois doentes. O sr. Smith mostrou muito agrado. A despedida não deixou de pedir uma opinião sobre as causas da doença. Esta pergunta tinha sido prevista pelo grupo. O seu presidente respondeu que ainda precisavam de pensar e de discutir o assunto, e que depois a classe mandaria a sua opinião por escrito.

No dia seguinte, a classe entrou no exame das suas observações em casa do sr. Smith. E tirou estas conclusões: o poço tinha sido reparado recentemente e ficava em terreno acima da casa; não devia estar aí o foco do mal. No leite também não, porque os Smith o não bebiam. Mas as janelas não tinham rede e havia muitas mósas no sitio. As imediações da casa também não eram muito limpas. Alguém se lembrou de que podiam passar em revista as casas onde tinha havido casos de febre tifoide. E assim se fez.

Realmente, em cada dez casas de doentes, oito estavam nas condições da dos Smith: muitas mósas, falta de rede nas janelas, lixo nos pátios.

Para o prosseguimento do seu projecto o grupo decidiu consultar livros e jornais. A mósca lá vinha quasi unanimemente registada como causa muito provável da propagação da tifoide.

A assunto tornou a ser discutido e o grupo concluiu finalmente: por culpa das mósas. Desta nova discussão nasceram os dois seguintes projectos:

*Indagar se se a febre tifoide era a doença mais vulgar na comuna.*

*Descobrir-se o meio de o sr. Smith se ver livre das mósas.*

Como o sr. Smith tinha ficado com a promessa de que a escola lhe daria uma opinião, o grupo dos jovens inquiridores não desanimou. E decidiu não só apontar ao interessado a causa provável do mal, como ensinar-lhe os meios de o evitar para o futuro. E para isso se estudou um novo projecto, que englobou os dois acima indicados.

Esta projecto constava de visitas e observações a uma quinta, considerada modelar pelas crianças, de estudos nos livros, de sugestões ao sr. Smith para usar *cemitérios das mósas*, preparar baldes cobertos para o lixo, etc. Mandou-se vir também um boletim especial da repartição de higiene pública e inquiriu-se do que e que mais geralmente se fazia em toda a comuna para combater as mósas.

O sr. Smith veio enfim a receber o relatório desejado. Mas a sua redacção também foi sujeita a opiniões. Tomaz entendia que cada aluno devia compôr uma nota a seu modo. Mimi entendia que era a professora que a devia fazer; Alfredo optava

(Continua na 2.ª página)